

três por quatro | especial

futebol de várzea





TRÊS POR QUATRO é uma publicação experimental produzida pelos estudantes de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a orientação do professor Wladimir Ungaretti

REDAÇÃO
Caetano Manenti (caetanomanenti@gmail.com), Felipe Franke (felipe.schroeder@terra.com.br), Felipe Prestes (felipenprestes@bol.com.br), Júlia Aguiar (juliasva@gmail.com) e Régis Filho (regis_filho@hotmail.com)

FOTOS
Caetano Manenti, Felipe Franke e Régis Filho

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Juliano Bruni Pereira (julianobruni@gmail.com)

ILUSTRAÇÃO
Silas Alves

EDIÇÃO
Caetano Manenti, Felipe Franke e Juliano Bruni Pereira

CONTATO
Caetano Manenti - (51) 9999 0223

2 três por quatro | especial

Editorial

A proposta era das mais excitantes para estudantes como nós: uma grande reportagem que se propusesse a vasculhar algo que acontece por aí, pela cidade. Contar algo desconhecido ou então apresentar um novo olhar sobre um objeto conhecido. O tema surgiu, então, quase como uma brincadeira: *futebol de várzea*.

Em cidades como Porto Alegre, alguns eventos podem ser extremamente significativos para certos grupos e, ao mesmo tempo, absolutamente ocultos para outros. O futebol de várzea é assim: desconhecido para muitos e glorioso para outros tantos jogadores, técnicos, torcedores.

O desafio era grande. Topamos a idéia de discordar do jornalismo esportivo tradicional que consagrou o modelo de sempre perguntar o mesmo para escutar o mesmo. Lançamo-nos à tarefa em agosto do ano passado. Durante cinco meses, fomos a campo sábados e domingos para descobrir quem são os 75 times, 75 técnicos, mais de 1500 jogadores e um número incontável de torcedores que compõem o Campeonato Municipal de Futebol Amador de Porto Alegre. Percorremos várzeas desconhecidas, várzeas da periferia e várzeas em lugares comuns para nós, como o Parcão e a Redenção. Encontramos (depois de muito perguntar por informações) palcos perdidos, personagens incríveis, participando, todos juntos, de um fenômeno definitivamente constitutivo do Brasil, *o futebol*.

Desconfiávamos encontrar o que de mais rústico pode existir no esporte. Mas a várzea nos surpreendeu. Assistimos a algumas equipes bem organizadas, com alguns bons jogadores, que calçavam chuteiras novas e chutavam bolas nem tão velhas assim em direção a traves bem posicionadas sobre a linha do gol. Tudo sob apitos de bem fardados árbitros.

Contamos o que vimos e ouvimos. Fizemos um jornalismo de sensação. Os dados eram secundários; nosso maior instrumento foi a observação. Sentimos o futebol de várzea dentro de campo, dentro das vilas, dentro das torcidas. E se não sabemos dizer aqui o que ainda ficou escondido por lá, agrada-nos o fato de conseguirmos contar aqui um pouco do seu clima e algumas de suas histórias.

Wladimir Ungaretti

Obrigado pelo convívio

Este 3x4 é uma experiência que quebra a rotina das publicações da Fabico. Cinco alunos, fora da sala de aula, aceitaram o desafio de produzir um jornal que valorizasse o trabalho de reportagem, de apuração e do prazer de escutar muitas histórias. Todos ainda cursando as disciplinas de metade do curso. Foram viver o universo que envolve o campeonato de futebol de várzea de Porto Alegre.

Velhos jornalistas, do tempo em que a profissão era exercida por vocação e não pelo simples treinamento técnico nos cursinhos, diziam que o repórter tem seus melhores momentos de aprendizado trabalhando como setorista de esportes ou de polícia.

Como jornalista que, por circunstâncias da vida, exerce a atividade de professor, tendo sempre presente alguns destes velhos e “superados” ensinamentos, não perco oportunidade de estimular aqueles que demonstram possuírem as plaquetas do jornalismo no sangue.

Este grupo tem curiosidade, ousadia, espírito de trabalho coletivo, capacidade de escutar e uma enorme vontade de transformar o “olhar jornalístico” em histórias. E possuem ainda, mesmo com certo grau de impaciência característica da juventude, a persistente procura de um texto limpo e elegante. Ao mesmo tempo incisivo e nervoso.

Um 3x4 especial sobre o campeonato de várzea de Porto Alegre para ser lido da primeira à última linha. Um exemplar para ficar na história da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

O 3x4 sobre a crise política, a revista Sextante sobre erotismo e este exemplar (futebol de várzea) são indicativos de que existem ainda algumas condições mínimas para resistirmos ao avanço do “showrnalismo publicitário-RP” que impõe uma brutal ditadura nos tempos atuais. Esta profissão só é possível quando vivida com intensidade e uma larga margem (cotidiana) de sonhos.

Esse grupo é intenso e sonhador. Tenho orgulho por contribuir para formação desses futuros jornalistas. Obrigado pelo convívio.

A criança que brinca na roda-gigante descobre, do alto, o campo da Redenção



Foto: Caetano Manenti

Glórias de um futebol de pouca fama

POR CAETANO MANENTI,
FELIPE FRANKE
E FELIPE PRESTES

27 de novembro de 2005. É domingo, e é dia de descanso. São ainda oito horas da manhã, e pelo sol que desponta qualquer um antevê as longas horas de forte calor que se seguirão. Ainda próxima ao horizonte, a luz ainda projeta muitas sombras pela cidade, e as ruas estão vazias. Nelas circulam somente alguns trabalhadores dominicais e poucos boêmios que regressam para casa.

Quem passa despercebido pela avenida Assis Brasil provavelmente vê surgir um tranqüilo domingo de fim de primavera. São poucos os que sabem que, perto dali — é só pegar à direita no viaduto Ubirici, andar umas quadras e entrar no Estádio Passo d'Areia — a manhã desse quente domingo não é de todo uma qualquer: tudo está armado para o derradeiro dia do Campeonato Municipal de Fute-

bol Amador de Porto Alegre — tudo está pronto para se descobrir quem será o novo campeão da várzea da cidade.

Os arredores do estádio estão calmos, mas a presença de um flanelinha àquela hora da manhã dá indícios do dia que se forma. Uma rampa leva o torcedor da entrada do estádio até a arquibancada. São quinze para as nove, e a disputa do terceiro lugar, que antecede a finalíssima, começa em questão de minutos. Mas o torcedor que sobe essa rampa pára desconfiado e pensa consigo: “várzea?”

Um campo verde, verde dum canto ao outro, da mesma altura em todas as partes, verde obediente e surpreendente: várzea? Arquibancadas genuínas, com diversos níveis e com capacidade para milhares de torcedores — mas, ué, cadê a torcida?

De fato, agora, faltando dez

minutos para o início de Flamengo do Morro da Cruz *versus* Ajax da Lomba do Pinheiro, a torcida é pouca. Um reduto de quinze, talvez vinte torcedores está escondido no canto da arquibancada, protegendo-se do sol: é a torcida do Flamengo, crianças e jovens com tambores. Mais espalhados pela arquibancada, poucos torcedores do Ajax e outros apreciadores do futebol.

Um empecilho: entre a arquibancada e o campo há um vão. A torcida possui pouco contato com jogadores e juizes. Daqui de cima, vê-se o jogo muito bem, melhor que em qualquer outro campo do campeonato, vê-se profissionalmente, mas será que dessa distância a torcida será a continuação do campo e o campo a continuação da torcida como em boa parte das outras partidas? Várzea em estádio?

A organização do campeonato decide ligar um imenso sistema de som. Lá embaixo, perto da mesa dos juizes, um rapaz controla o áudio, alternando músicas (todas em inglês) e breves narrações da partida que já começou. A torcida do Flamengo batuca, mas só eles se ouvem. O jogador do Flamengo acabou de marcar um gol, abrindo o placar, o estádio não ouviu a comemoração — as duas caixas emudecem a torcida.

Será que o estádio se tornará várzea quando, ao meio-dia, sob o mais forte dos sóis, o 296º jogo do campeonato, o último e mais importante deles, for disputado? 296 jogos disputados só nesse campeonato? É o futebol, é a várzea...

O Campeonato

Para organizar os times, promover o evento e tornar a várzea uma competição, diversas cidades



O futebol



O maior vício do brasileiro comum. Futebol. Uma religião de milhares de devotos que paralisam um país inteiro e grudam os olhos na TV toda a vez que a seleção defende a pátria na Copa do Mundo. Futebol faz parte da nossa identidade, aquilo que dá um rosto, uma marca. O sonho de boa parte dos pais brasileiros é ter um filho homem e ensiná-lo a dar os primeiros chutes, ensiná-lo a amar o Corinthians, o Palmeiras, o Flamengo, o Grêmio ou o Inter. Esteja você onde estiver no Brasil, o fenômeno que encontrará será sempre algo similar à seguinte equação: dois objetos delimitando as traves do gol (e vale tudo: árvores, chinelos, tijolos), jogadores (pouco importa o número, é um jogo que se joga de 1 a 30 participantes) e uma bola (ou equivalentes: latas, meias e até pedras!). E isso é a várzea. A várzea é o futebol simplesmente pelo sentimento que desperta.

...o Brasil

do país organizam campeonatos. Eles são o ápice de profissionalismo para milhares de verdadeiros jogadores de futebol.

Em Porto Alegre, a Secretaria Municipal de Esportes é a responsável por promover o campeonato desde o início da década de 1990. No ano de 2005, 75 equipes participaram da competição. As 75 equipes do *Campeonato Municipal de Várzea de Porto Alegre de 2005 – Copa Flávio França* foram classificadas através de competições organizadas pelas ligas de cada campo da cidade.

Primeira fase: 75 equipes divididas em dez chaves (chaves 1 a 10), as cinco primeiras chaves com oito times em cada, as cinco próximas com sete. Nessa fase, duas vagas estão em disputa em cada chave.

Segunda fase: 20 equipes classificadas dividem-se em quatro grupos (chaves 11 a 14) de cinco times em cada. De novo, as equipes brigam por apenas duas vagas.

Terceira fase: as oito equipes classificadas disputam o título em cruzamentos de quartas, semi e final.

Devido à fórmula mal pensada – que resultou em uma grande quantidade de jogos por chave – a maioria dos times chegou às últimas rodadas já desclassificados. De nada adiantou a severa regra imposta pela organização do campeonato: o time desclassificado por W.O. – não comparecimento a campo de pelo menos sete jogadores por equipe – é banido da participação de campeonatos organizados pela prefeitura até o ano seguinte, assim como todos atletas não presentes aos jogos em que seus times foram desclassificados. 24 times, quase um terço do total, foram desclassificados por W.O.

Mas mesmo com a desistência desses times, muita bola rolou nos arrabaldes da cidade. Alguns jogos foram sensacionais e trepidantes, bem mais disputados que muitos jogos do futebol profissional por aí...

Clássico é clássico

Dia 30 de outubro, duas da tarde de uma típica primavera gaúcha, nem quente, nem frio. No campo, o jogo é entre Clarão da Lua, do Mont' Serrat, e Flaminguinho, do Campo da Tuca. Um clássico da várzea. Dois times tradicionais, o primeiro com mais de 60 anos, o outro com mais de 30. A partida é válida pela terceira rodada da segunda fase do Campeonato Municipal e vale muito: quem perder está praticamente fora da próxima fase:

O jogo começa. Mas, espera aí, tem um gordão à beira do campo. É um torcedor fanático do Flaminguinho, quer ficar ali para poder atrapalhar o juiz, os adversários, dar uma de gandula-torcedor, segurar a bola ou correr atrás dela se o Flaminguinho estiver perdendo. Logo no início, o jogo pára. O gordão será retirado.

O campo Ramiro Souto, na Redenção, é circundado por uma cerca que impede o acesso da torcida. O jogo, mesmo que afastado dela, parece correr ao seu ritmo – ou seria ao contrário? A mais barulhenta torcedora de todos os jogos do Flaminguinho está hoje misteriosamente quieta.

– Grita, Tia Léia! – pede uma pequena torcedora do time, de certo já assustada com o melhor começo do Clarão.

– Não, não! Hoje eu não vou gritar, tudo o que eu tinha para gritar eu já gritei ontem. Ontem gritei tanto que, quando eu cheguei em casa, a cabeça me doía. Tomei dois remédios, mas não adiantou.

A Léia gritou tanto assim porque, no dia anterior, o seu Flaminguinho decepcionara ao perder para o Doze Horas, da Paineira, por 3 a 2, complicando muito a sua classificação para as quartas-de-final do Municipal.

O início do jogo é todo do Clarão. A torcida do Flaminguinho – que, por enquanto são só as mães, namoradas e crianças

dos jogadores – vai perdendo a calma com o caminhar desfavorável do jogo. O time vai resistindo como pode à pressão baunçada do Clarão.

Perto dos 20 minutos do primeiro tempo – Vai, Bruno!!! – era a Léia, em um grito só, se desmentindo. Não adianta gritar, o Clarão amassa o time do Campo da Tuca.

– Esse Bruno aí nunca vai fazer um gol na vida, só tem tamanho. Conheço ele desde pequeno. É daqueles que mais falam do que jogam – dizia Catarina, antigo jogador da várzea de Porto Alegre. (Bruno ainda acabaria como o terceiro goleador do campeonato)

Em resposta à má atuação do time, a torcida rubro-negra se levanta, aproxima-se da grade e inicia um bombardeio de ofensas ao juiz.

– Ô filho da puta, tu só vai dá pra eles? Enfia esse apito no cu!

O famoso “homem de preto” vira, então, pára-raios de todos os problemas do Flaminguinho. O próprio time, aliás, entra no clima da torcida, e os dois passam a jogar ainda mais juntos. Como é a torcida do time do Campo da Tuca que está em maior número (e em muito maior barulho), o confronto é desigual. São cinquenta de um lado contra onze e um pouco mais do outro.

A torcida faz a sua parte. Mas ao invés de só torcer, também ameaça o trio de arbitragem. Um dos mais atarefados é um jogador do Flaminguinho que está de fora.

– Ô seu negão filha da puta, quero ver tu apitar um jogo lá na Tuca! Quero ver tu sair vivo de lá.

– Por que tu não tá jogando? – alguém pergunta.

– É que tô expulso, mas meu lugar é aqui mesmo, na torcida. Eu só sei xingar! Fico xingando o tempo todo. Vou me aposentar com 22 anos! – diz sorrindo.

– Gooooo!!!

O segundo tempo trouxe o gol do Clarão. Pronto. O estopim

Caetano Manenti



Clarão da Lua

desclassificado nas quartas

REPORTAGEM DE JÚLIA AGUIAR



Caetano Marenzi

para uma guerra sem controle entre torcida e arbitragem já está queimando e o barril inteiro pode estourar a qualquer momento, em especial ao fim do jogo, quando serão os quatro árbitros contra uns 50 ou 60 torcedores do time derrotado.

Então aparece José Mocelin. Ex-árbitro, coordenador-geral do campeonato, ele anda de lá para cá, visivelmente preocupado com o possível desfecho do jogo.

— Quero ver como tu vai sair daqui, negão. Seu veado!

O gol do Clarão faz com que a pressão se inverta. Agora é o Flamengo que pressiona. A partida, aos 40 minutos da etapa final, ferve de vez. Um pênalti não marcado a favor do Flamengo quase provoca uma invasão de campo da torcida. Quem tem de trabalhar a essa hora é o segurança do estádio. Um negro alto, perto dos dois metros, provavelmente o único que, em um raio de dois quilômetros, está de calça social e camisa de botão num domingo daquele. Depois do pênalti não marcado, por puro medo, o ambiente fica realmente temeroso.

Muita gente chega ao local. Um desfile de tipos deixa o ambiente ainda mais fascinante. De um lado, os jogadores, o futebol puro; de outro, a torcida, negros em sua maioria, alguns em sua caminhada semanal na Redenção, outros ali pela paixão pelo futebol, pela várzea. Chegam ainda os torcedores dos times que irão se enfrentar após o fim da partida. Um trio de torcedores do Restinga dançam e cantam uma marchinha carnavalesca e com um moletom hasteiam bandeira do clube num mastro.

De repente, toda torcida dá as costas para o campo, surpreendida pelo movimento da Brigada Militar. Uma bicicleta, três motos, dois carros, um camburão e vinte brigadianos serão suficientes para garantir a passagem do trio de arbitragem até o vestiário?

O jogo acaba. O Flamengo

nho se despede do Municipal.

— Ô, negão, os brigadianos não vão ficar 24 horas do teu lado. Hoje tu vai durar, mas não vai escapar.

Um brigadiano vai, de moto, buscar o juiz e os bandeirinhas lá dentro do campo. Na saída do cercado, dezenas de pessoas xingam como podem cada passo do árbitro a caminho do vestiário. Uma velhinha apaixonada por futebol, sentada por perto, de radinho ao pé do ouvido, reclama:

— Como falam nome feio. É, eles não gostam de ser chamados de macacos, mas olham o que fazem. Eu vou lá no Grêmio sempre, de filha-da-puta eles se xingam, mas não fazem o que tão fazendo aqui. Tem muita gente ruim mesmo. Não chega os terremotos. Olha aquela bagaceira ali. Só xinga o juiz, mas não tem coragem de ir lá enfrentar ele. Que exemplo ela tá dando para os filhos dela!? Eu ouvi dizer nos filmes bíblicos que um meteoro vai atingir a Terra daqui a 14 anos. Deus tá descendo de novo. Ele vai separar os bons dos ruins. Os bons ele vai levar com ele e os ruins vão ficar aqui na Terra, rangendo os dentes. E futebol não é isso. Futebol é diversão. Não é essa guerra aqui.

Mas no futebol há guerra sim — também.

Miragem na floresta da Lomba

Feriado de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Bem longe do centro de Porto Alegre, na Lomba do Pinheiro, limite com Viamão, há um campo chamado Santa Helena. Um areião com pequenos tufo de grama. Está vazio, em volta há um espaço de lazer: mulheres caminham, crianças brincam e jovens fumam, sentados à sombra de uma das árvores. Ao redor de tudo isso, uma floresta de eucaliptos tão verdes contrasta com o árido campo de terra avermelhada. Parece uma miragem para o visitante.

- Apaixonados
- pelo clube
- da Restinga
- elevam como
- podem o nome
- da equipe

Fundado em 1945 no bairro Mont' Serrat, é o time mais antigo e tradicional do campeonato. Acompanhou as mais diversas mudanças da várzea de Porto Alegre: os campos, os regulamentos, a organização, tudo mudou. Roberto Ferreira é o presidente do time há dez anos. É ele mesmo quem nos conta um pouco do que é o Clarão.

“Meu pai, meus tios, eles foram uns dos fundadores. Numa noite de lua muito bonita, dia oito de dezembro, eles tavam tomando uma cerveja. Umas 10 pessoas. Tudo acertado que iam fundar um time, só não tinham o nome. Aí um olhou pra lua. Ficou olhando, olhando, e disse: que tal o Clarão da Lua?”

“Eu vou a reuniões pra saber quando joga, onde joga, os atletas punidos. Eu cuido do fardamento também. Eu não quero mais trabalhar como contador [Ferreira está aposentado], agora, tu vê, eu trabalho pro Clarão, e me divirto.

“Antigamente os jogadores eram só da sua zona. Mas pela dificuldade que a gente tem de ter jogadores da zona, todos os times de Porto Alegre têm jogadores de várias localidades. Torcida mesmo o Clarão não tem mais. No início nós tínhamos uma torcida muito grande, a vizinhança toda era Clarão, o time do bairro. Mas o pessoal foi saindo, uns morrendo, outros se mudando. Hoje é mais os jogadores e suas famílias, algumas amizades. Quem tem torcida é time de vila, que tem os jogadores da comunidade. E assim mesmo as vezes é dividido, tem mais de um time na vila.

“Primeiro passo [para manter um time]: tem que gostar. Se não gostar, não vai chegar a lugar nenhum. A gente faz muita amizade. É muito fácil fazer futebol, agora durar é difícil. Tu tem que cumprir um horário, tem que reunir os jogadores, ter persistência. Ainda tem a dificuldade financeira. O municipal é fácil, só gasta com a lavagem do fardamento, um lanche que a gente paga pro jogador. E quando é o campeonato da Liga que a gente paga também a arbitragem, inscrição, multas por expulsão?! Isso tudo vai pesando. Mas é bom, é bom...”

Alemão é o olheiro. É dono do Xis do Moita. É onde a sagrada ‘ceva pós-jogo’ é bebida com grande satisfação.

“Comecei no Clarão em 1989, a gente tinha um time de amigos. Já joguei em todas posições. Mas o time ficou fraco pro campeonato. Aí eu comecei a trazer os caras, foi ficando forte. E o nosso time de amigos, chegou uma hora que cada um começou a escolher caminhos diferentes. Fiquei jogando e organizando.

“[No ano passado] fizemos uma lista de 42 jogadores que interessavam. Daí eu fui atrás. Simples, o cara vai dizer sim ou não. O ponto de encontro se tornou o trailer [Xis do Moita, no bairro Santa Cecília]. Daí é o seguinte: larga ficha e foto. Eu aviso todo mundo, não peço dinheiro, nem nada. Eles têm ajuda de custo. Passagem pra uns, gasolina pra outros. Tem três que moram na Restinga. Eles têm um carro, tem que dar uma ajuda.

“Eu digo pro dirigente [do Flamengo, do Campo da Tuca]: ‘Tu tá perdendo as raízes do teu time’. Se sou dirigente do Flamengo, só [jogo com] os da casa. Os da casa é que gostam do time. As suas famílias vêm pro campo, toda a comunidade.

“Hoje surge um bom jogador, todo mundo quer. Ainda mais na várzea. Eles têm que ir, buscar o dinheiro deles, a independência, a vida deles. Porque o Clarão não vai dar.

“Eu já tentei largar o Clarão da Lua, mas é como se fosse coisa da família, entendeu? Agora mesmo [antes de ir para o jogo] eu tava em casa com a esposa deitado. E ela pra mim: mas tu é maluco mesmo! Essa água toda! E eu digo: ‘Ah, eu vou lá. Tá todo mundo lá’. O gostoso é isso. Tá aí com a rapaziada, todo molhado.”

Após a classificação nos pênaltis, jogadores do Treze agradecem a sorte do dia



Treze, vice-campeão

ENTREVISTA Sandro Rodrigues, técnico

REPORTAGEM DE CAETANO MANENTI

O Treze nasceu há quatro anos, quando Sandro Rodrigues, seu irmão e alguns outros amigos, incluindo o capitão do time, Taylor, decidiram terminar com suas antigas equipes que já não davam tão certo. O nome do time surgiu quase como uma gozação, depois que um desses antigos times levou uma goleada de nada menos do que 13 gols.

A maioria dos jogadores vem do bairro Cavalhada, na Zona Sul, e do Jardim Lindóia, na Zona Norte. A equipe não é das mais tradicionais de Porto Alegre: não possui uma torcida grande, nem base em alguma comunidade. Tem, sim, uma torcida "família". Conseguiram montar um time forte, com a maioria dos jogadores já tendo passagens por times profissionais do estado. Os principais destaques do time são o goleiro Vinícius e o meio-campo Taylor. Alguns jogadores que estão no Treze ainda sonham em jogar futebol profissionalmente. Outros, no entanto, jogam por amor à várzea mesmo, como um dos atacantes do time, médico formado.

A equipe não é das mais pobres do campeonato, mas muito dinheiro eles também não têm. É a mãe do técnico quem lava os uniformes. O transporte é feito na base da parceria, quem tem carro leva o resto do pessoal. O treinador garante: ninguém recebe para jogar; alguns recebem às vezes a diária do trabalho que tiveram de faltar para comparecer à partida. O dinheiro é levantado de uma caixinha, colabora quem pode. O problema é administrá-la: quem pagou, às vezes, reclama por lugar no time.

O treinador Sandro Rodrigues, ex-jogador juvenil do Grêmio, também se destaca. Mesmo não conseguindo manter-se com a várzea (trabalha em um laboratório farmacêutico), pode-se dizer que o cara é um profissional do assunto. Planeja para 2006 o lançamento do Treze Card, um cartão que dará descontos para os simpatizantes da equipe em estabelecimentos comerciais da cidade e assim levantará dinheiro para o clube. Ainda sonha com um canal de tevê só para a várzea. Em seus planos particulares, está o aperfeiçoamento como técnico, quem sabe no exterior, ou mesmo virar um empresário de jogadores. Admite com franqueza que isso pode dar muita grana.

O jogo é válido pela última rodada do grupo 3 da primeira fase. Roma versus São Paulo. Um clássico do futebol mundial aqui não é tratado com o menor *glamour*. A equipe do Roma chega completa, com esperanças de classificação, mas descobre que, devido a resultados paralelos, está fora da competição. Sem demonstrar muito abatimento, os jogadores vão para o vestiário colocar o fardamento. Em uma Kombi, o atrasado time do São Paulo, consciente da punição que o W.O. implicaria, surge com menos de onze jogadores.

Em campo, a supremacia é da equipe do Roma, que marca gol atrás de gol. No time do São Paulo, muitos problemas. O primeiro tempo termina em goleada, e o jogo acaba antes da hora. Não é necessário haver segundo tempo, já que as duas equipes estão eliminadas.

Quantos outros jogos não estariam acontecendo naquele mesmo instante por todo o Brasil? No campo da Nova Gleba, mais um jogo estava para começar.

Proibido armas neste local

Padre Réus e C.B.V. decidem a última vaga do grupo 1 da primeira fase. O bairro da Gleba fica no limite entre os municípios de Porto Alegre e Alvorada. Um bairro da periferia da cidade, de classe média baixa, com alguns condomínios de prédios, algumas casas grandes, cercadas por grades, e carros populares. Zona simpática, com ares de interior, de vida simples.

O campo, um dos melhores do campeonato, é um território curioso. Uma placa pintada à mão, pendurada na entrada do bar à beira do campo, dá pistas de que o lugar tem a suas próprias leis: "Proibido portar armas no local

sob pena de constrangimento e retaliações". A torcida no estádio é toda do Padre Réus, da Zona Sul, que, assim como o adversário, se vencer estará na próxima fase. Com um gol logo no início da partida, o Réus passa o jogo inteiro tentando segurar o marcador e surpreender nos contra-ataques.

A torcida do time está dividida em duas e faz o seu papel clássico dos jogos da várzea: xingar o juiz, coagi-lo para não roubar contra e, de quebra, dar uma ajudinha a favor. De um lado, homens – principalmente idosos – fumam e bebem bastante junto ao alambrado, mostram toda a sua fúria contra o árbitro e o bandeirinha. Noutro lado, mulheres, homens e crianças torcem pelo Padre Réus sentados. Todos saem contentes. Réus vence o jogo e classifica-se para a próxima fase. Outro que agradece o resultado é o juiz, que assim sai tranqüilo de campo.

Mas tranqüilidade é fenômeno raro em jogos do Municipal...

Futebol sete

Sai fãisca em um dos cruzamentos das quartas-de-final. As arquibancadas do estádio do Parcão estão abarrotadas para assistir a Atlético (Jornal do Comércio), da Vila Santa Rosa, versus Treze, da Cavalhada. Mal o time entra em campo, um se prontifica a soltar fogos de artifício: sob explosões e gritarias, começa o jogo.

A bola simplesmente não pára. Balão prá lá e prá cá. Chutes e cabeçadas pipocam, faltas começam a aparecer, e o árbitro pressente a dificuldade. Ele atende por Pelé. É um negro alto, jovem, forte, maior que qualquer um dos jogadores em campo. Os bandeirinhas são mirrados e quietos. A torcida e os jogadores desde cedo caem em cima da arbitragem, mas Pelé ten-

- Pasmos, os
- torcedores
- observam a
- invasão
- em campo
- da polícia





ta mostrar-se seguro. Sai correndo em direção ao local da falta que marcou e grita: "Eu apito!"

Os times estão em constante atrito. Muita disputa, jogo parelho. Mas, na torcida, o predomínio é do Atlético, que não pára de gritar e xingar Pelé. Um deles se aproxima da grade e fica atormentando o bandeira, que mostra-se indiferente.

A torcida se levanta após o primeiro lance de perigo, perto dos 20 minutos. Começa a batucada, e o jogo passa para segundo plano. O show é da torcida.

Mas o atacante do Treze surpreende: gol para abafar a bandinha. A torcida do Atlético imediatamente se levanta enfurecida e avança à grade para reclamar junto ao bandeira. Um homem duns 40 anos, com o olhar fanático e vidrado pelo seu próprio amor pelo Atlético, não se conforma. Após um momento catatônico pelo gol sofrido, vai até uma bandeira do time e começa a agitá-la. "Eu amo isso aqui, ó!"

O jogo vai ficando tumultuado. Pelé sente que a torcida transborda das arquibancadas, e seus protestos invadem o campo. Enquanto isso, o futebol quase some. Jogadores começam a desabar. Para manter a ordem, Pelé apita tudo.

O jogo pára: uma cotovelada de um jogador do Atlético na cara do atacante do Treze. Outro bate-boca se forma com o bandeirinha que, pressionado por reclamações dos atleticanos, perde a paciência: posiciona seu corpo, concentra-se e os empurra com toda força. O caos toma conta da partida. Um torcedor grita:

– Por isso que a várzea é boa!

O campo começa a ser invadido. Sai pelo portão o jogador do Treze que, de tanto sangrar, dei-

xou toda sua camiseta manchada. A polícia chega, e o mesmo torcedor diz:

– O amador é isso, né? É adrenalina. Não é aquele 'limão com açúcar'. Aqui as coisas acontecem!

O jogo recomeça, mas as confusões não cessam. O Treze marca o segundo gol da partida, o que prejudica o relacionamento entre Pelé e a torcida. O árbitro resolve tomar atitudes para conter o descontrole e expulsa dois de cada lado.

O segundo tempo retorna no mesmo clima. Mas o Treze está exausto. A pressão do Atlético aumenta gradativamente. A torcida do Treze começa a ficar apreensiva. Os fãs do Atlético, por sua vez, estão cada vez mais alucinados e acreditando na improvável vitória.

O excepcional goleiro do Treze faz defesas sensacionais, mas não pode fazer mágica: Treze 2 x 1 Atlético. O jogo pega fogo. A torcida vai às alturas. Mais jogadores vão sendo expulsos e, de repente, há em campo apenas sete contra sete. O Atlético vai forçando; o Treze, exausto, vai se segurando como pode, e quem está cada vez mais perdido é Pelé. Ele quase que não arbitra: apenas apita. Tudo é falta.

Após um cruzamento da esquerda, a zaga afasta a bola, que cai na intermediária, é retomada por um atacante do Atlético, que avança pelo lado direito e, antes de chegar à grande área, pega a bola no ar e acerta um chute fortíssimo. A bola percorre rapidamente a longa trajetória, vai subindo, com a velocidade aumentando, passa pelos zagueiros, voa em direção ao gol. O goleiro do Treze vê a tragédia se aproximando, precipita-se e pula em direção

•
•
• **A equipe do**
• **Treze reza,**
• **enquanto o**
• **goleiro alcança**
• **a bola e a**
• **classificação**
• **para a final**

#@*!

O meio da torcida, um lugar hostil. Com raiva, palavrões cruzam de lado a lado. Veado! Puto! Sem vergonha! Pode-se ouvir de tudo, principalmente quando o alvo é o juiz. Comum também é o xingamento que ganha a companhia, digamos, da etnia do sujeito. Seja ele índio, negro, alemão. Racismo? "Ô, seu negão..." é o mais comum. Uma torcedora inova. Ela, negra, discorda da marcação do árbitro. Esbraveja: "azul!".

O árbitro

o mais odiado dos campos

REPORTAGEM DE CAETANO MANENTI E FELIPE PRESTES

Em todas as partidas a que assistimos (todas mesmo!), o árbitro, por melhor que tenha apitado, foi xingado, difamado e quase sempre ameaçado – de morte, às vezes. É uma das práticas mais sagradas de qualquer campinho desse país. Xingar o juiz num brado bem alto é um momento que pode até dar mais prazer a um torcedor do que o próprio gol do seu time.

Eduardo Galeano, escritor uruguaio, escreve que é ele, justo o árbitro, a única unanimidade do futebol: todos o odeiam. Profissão ingrata. Seu trabalho já consiste, na verdade, em se fazer odiar. É vaiado sempre, jamais aplaudido, álibi de todos os erros, explicação para todas as desgraças. E o pior: está em campo, mas não pode encostar na bola.

Na várzea, por R\$ 60, os árbitros ainda correm o risco de apanhar. Muitas vezes os campos não dispõem de um policiamento adequado para conter os torcedores frustrados na saída do juiz.

Machadinho, de 42 anos, é um desses juízes. Apita há mais de dez anos, e hoje trabalha para a empresa de arbitragem que ganhou a licitação e disponibilizou o serviço para o campeonato de 2005. Ele apitou a decisão do terceiro lugar. De dentro do campo, talvez nem tenha ouvido quando o torcedor do time derrotado encheu o peito para lhe xingar:

– Filho da Puta!!!

Isso deve entristecer muito a sua mãe, a dona Gilda. Apaixonada pela várzea, todos os finais de semana vai atrás de seu Flamengo, clube dos quais alguns de seus sete filhos homens, inclusive Machadinho, são fundadores. Mesmo assim, Gilda não alivia os árbitros que apitam os jogos do seu time.

Machadinho também jogava na equipe, mas, aconselhado, decidiu largar o futebol.

– Eu dava muito pontapé, era centro-médio. Um dia me perguntaram: "Por que tu não apita?" Larguei a bola, fiz um curso de arbitragem da prefeitura e comecei a apitar.

É claro que ele não arrisca a pele apenas pelos R\$ 60 que recebe. Gosta mesmo daquilo, adora a várzea. Mas sabe também que há momentos em que aquela profissão vira um inferno. É quando a torcida toda decide que o árbitro é o culpado da derrota. Daí, não adianta: por melhor que apite, vai escutar de tudo.

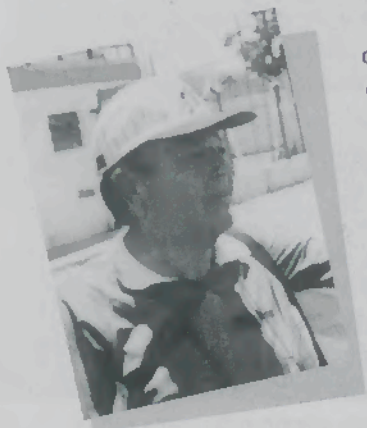
– O cara tri fica chateado, né? Pior que tu sabe que não fez aquilo ali que o cara tá falando. Vivem te pedindo desculpa. "Bah, Machado, não deveria ter falado aquilo contigo". Mas depois não adianta, já gritou, todo mundo já ouviu.

Não há como o árbitro se levantar contra a torcida. Ela está sempre em maioria. Então, um árbitro deve mesmo é entender qual seu papel dentro de campo.

– Uma goleira tá lá, a outra goleira tá lá. Se fizer gol legítimo, vai ser gol. Não adianta querer me xingar. Não tem que se preocupar com a arbitragem, a não ser que a arbitragem seja mal-intencionada. E eu não sou mal-intencionado.

“Pra fazer a várzea tem que ser herói”

REPORTAGEM DE FELIPE FRANKE



Luiz Carlos Oliveira é conhecido como Bolinha. É jornalista, mas não cursou a faculdade. Trabalha desde os quatorze anos, quando começou no rádio: transmitia partidas de futebol de botão, por incrível que pareça! Depois disso, trabalhou nas rádios Gaúcha e Guaíba, entre outras. É ele quem está à frente do jornal *A Voz do Amador*, o principal veículo de comunicação do esporte amador de Porto Alegre.

– Logo me deu o “estalo” de fazer um jornal. Porque a grande mídia não

noticiava, por exemplo, o Campeonato Municipal? Então resolvi fazer esse tipo de jornal, de distribuição gratuita. Eu faço tudo. Sou redator, repórter, distribuidor, revisor e diagramador.

Atualmente *A Voz* é bimestral e compõe-se de apenas oito páginas. Mas sobra tanto material, devido à cobertura de outras competições e à grande quantidade de fotos, que o ideal seria uma edição por semana. Com oito anos de existência, o jornal chegou ano passado ao número 109.

– Isso é um *hobby* que tenho. Eu teria de parar e fazer só o jornal [do amador], mas faço o da secretaria também. É um prazer que me dá. E quando sai um errinho eu fico louco, me desespero. Tenho pouco anunciante. Eles querem sair, ver a fotinho, mas não ajudam. A Paquetá, através do Lioveral Backer, o dono, merece uma homenagem. Ele incentiva, ele gosta. A Copa Paquetá é o maior evento... não de futebol amador, amador é outra coisa. É futebol de várzea. Amador é ligado à federação, e a várzea é ligada às ligas de bairro.

Duas coisas irritam Bolinha. A primeira, o W.O.: tem pavor de ver um time se esforçar para estar presente num jogo e, ao chegar lá, ver que a outra equipe resolveu não aparecer. A outra é o desrespeito com os árbitros: “Eu não admito juiz apanhar. O segurança do juiz da várzea é um deus. Eu não admito que quatro, cinco caras batam no juiz.” Em alguns campos, como o da Redenção e o do Parcão, a polícia é requerida e comparece. “Mas tem lugar em que a polícia não vai.”

– Não é fácil organizar um time, tirar dinheiro do bolso para a despesa. No campeonato, cada time gasta R\$ 600 em inscrição. E ainda há gastos com comida, transporte, uniformes, lavagens. Pra fazer a várzea tem de ser herói.

ao canto esquerdo. Não chega a tempo: golaço do Atlético. Jogadores e torcida entram em fusão, e tudo isso, ocorrido em menos de cinco segundos, empata o jogo e põe o Treze em crise.

Um fã se empolga. “Se o Galo ganhar, eu pago a cervejada!” A torcida do Atlético, mais confiante após a grande recuperação do time, vê os seguidores do Treze aflitos, tendo agora de enfrentar a prorrogação.

– Tão pequenininha, a torcida do Treze cabe dentro do Fusquinhal. Aquele jogador do Treze que levou a cotovelada se junta à torcida. Levou três pontos no lábio e mal consegue falar.

Um dos jogadores expulsos do Atlético, agora na torcida, após quase ver seu time marcar, fala:

– Acabou os foguetes? Como é que a gente vai fazer quando ganhar o jogo?

Um zagueiro do Treze desaba em campo, sofrendo de câimbras na perna. Os dois times quase não agüentam mais.

O tempo passa e os jogadores já torcem pelos pênaltis quando, no início da segunda etapa da prorrogação, a sorte vira novamente. Num contra-ataque, a bola sobra para o jogador do Treze que, com poucos zagueiros à sua frente, encontra força para desferir o chute fatal. O impensado acontece. O Treze recupera-se na partida. É um a zero na prorrogação.

O Atlético volta ao ataque e quase empata, mas é o Treze que surpreende de novo e faz algo nunca imaginado nem pelo maior fã do time. Sim, o Treze, com somente sete jogadores em campo, com câimbras, que deixou o Atlético empatar depois de estar ganhando de dois a zero, fortalece-se e torna-se imbatível. Seus atacantes massacram a defesa do Atlético. Fim de jogo, placar final: Treze 5 x 2 Atlético.

A saída dos árbitros é protegida por novo reforço da polícia. A torcida vai, mas, perplexa, não tem forças para continuar reclamando do árbitro. Equipe e torcida atleticanas voltam juntas tristes para a comunidade da Vila Santa Rosa.

O Atlético, a Vila Santa Rosa e o menino sonhador

Quem não conhece Porto Alegre muito bem dificilmente sabe onde é o campo Jornal do Comércio, na Vila Santa Rosa, Zona Norte da Capital. É difícil encontrar qualquer caminho entre aquelas ruelas tão pequenas, com aquela dose de pobreza à brasileira – onde as casas por fora são apenas janela-porta-assoalho de madeira,

iguais, coladas.

A Vila Santa Rosa é a base do Atlético. O time é dirigido por Gão, um jovem jogador que, devido a um problema no joelho, foi obrigado a sentar-se no banco e participar do jogo só do lado de fora.

Um grupo de seis rapazes dá a direção para encontrar Gão, que trabalha na padaria de sua família. Ele conta que o Atlético teve neste campeonato sua melhor participação em municipais nos últimos quatro anos, desde que o time voltou a existir após um período de inatividade.

– O Atlético não é o único time da vila. Tem o Santos, o Roma, o Mixto ...

O Atlético é o melhor e mais famoso da vila porque, segundo o próprio Gão, é uma seleção da comunidade. Todos são amigos no time, mas ele confessa que os jogadores são chamados mesmo pela qualidade.

– Aqui ninguém ganha nada. Só paga, na verdade.

O treinador do time confessa que participar desse campeonato sai caro para todos do time. Tem que pagar ônibus, tem que comer e tudo mais. Quando dá W.O. não adianta reclamar: paga-se o ônibus mesmo que não tenha jogo. A torcida, uma das mais fanáticas, vai junto, dando força para o time.

Na volta dos jogos, ganhando ou perdendo, todos vão para o bar à frente do campo do bairro para beber umas. Lá há uma lousa com a tabela de todos os jogos do time. Qualquer alteração no calendário fica registrada.

– É um lazer para todos – afirma o técnico.

É um lazer ou uma esperança de futuro melhor? Para os jogadores de Gão, não resta esperança alguma de ainda tornarem-se profissionais.

– A idade não ajuda...

Já para o menino, a resposta para a pergunta parece ser outra. Tem 12 anos, joga no Santos do Parque dos Maias e quer ser jogador de futebol. Diz ser o camisa 10, um dos craques do time. Do Santos, ganha uniforme para o jogo e até mesmo a chuteira, mas não a usa porque já tem uma. Conta que um dia foi convidado por um time para fazer um teste de três semanas em São Paulo. O dinheiro viria da própria família, e como ela não tinha para tal, o menino acabou ficando mesmo pelos gramados daqui. É colorado, mas pensou em jogar no Grêmio – “isso não importa”. Mas no Grêmio também não pôde jogar, tinha que pagar R\$ 35 por mês – “muito dinheiro”. Vai precisar de muita



Na final, o estádio Passo d'Areia pára ao assistir o vôo do goleiro Vinícius, do Treze

sorte para se dar bem na profissão mais concorrida do Brasil.

Entre a várzea e a televisão

Pouca torcida foi aos dois jogos válidos pelas semifinais do campeonato. Ajax e Ouro Verde jogavam no Parcão, enquanto Treze e Flamengo do Morro, na Redenção. As duas partidas estavam marcadas para aquele domingo quente, dia 20 de novembro, às 16h. Exatamente no mesmo momento, Inter e Corinthians disputavam o jogo mais importante do Brasileirão 2005, em São Paulo. Quanta diferença distancia atacantes como Thiago do Treze, por exemplo, e Tevez, do Corinthians, que jogavam futebol naquela tarde?

Nos campos daqui, pouco verde, muita poeira e poucos torcedores para acompanhar dois jogos decisivos do campeonato. Já em São Paulo, o estádio está lotado, centenas de fotógrafos e câmeras apontam seus equipamentos para os maiores craques do Brasil, enquanto em Porto Alegre, só alguns poucos decidiram sair da frente da televisão para assistir àquelas partidas.

Mesmo sem a torcida e os habituais xingamentos aos juízes, os dois jogos são emocionantes dentro de campo. Mais do que no futebol profissional, a torcida faz falta na várzea. Seriam dois jogos dos mais emocionantes do campeonato, mas sem torcida, ah, sem torcida perde a graça!

A semifinal disputada no Parcão entre Ouro Verde, da Vila Jardim, e Ajax, da Lomba do Pinheiro, foi bem parelha no tempo normal e terminou em 2 a 2. O jogo foi então para a prorrogação. Lá, o Ouro Verde deu show e mostrou porque vinha sendo apontado como um dos grandes favoritos ao título. Fez 4 a 0, venceu o jogo por 6 a 2 e ainda carimbou a passagem para a grande final.

Já no jogo da Redenção entre Treze, da Cavalhada, e Flamengo do Morro da Cruz, a igualdade no placar agüentou ainda mais tempo. Depois de 90 minutos de 2 a 2, 30 de prorrogação e novo empate, 1 a 1. Na decisão por pênaltis, catorze cobranças e catorze bolas na rede insistiam com o empate do placar. Após a 16ª cobrança, a vitória escolheu um dos lados. O Treze ganhou a partida. O goleirão Vinícius foi o herói, defendeu a cobrança do jogador do Flamengo e colocou o Treze na finalíssima do campeonato.

É Final!

Dia 27 de novembro de 2005. É domingo, e é dia de descanso. Já

são 11 e meia da manhã, e o sol já está no alto do céu. Ele já projeta poucas sombras pela cidade, e as ruas ainda estão com o passo lento de uma manhã de domingo. Mas muito mais agitado está o ritmo dentro do estádio do São José, onde está sendo decidido o título do Campeonato Municipal de Futebol Amador de Porto Alegre de 2005.

O estádio não é propriamente da várzea, mas suas figuras, os torcedores, os donos de time, os vendedores, os amantes de futebol que adoram assistir a um joguinho como este estão todas lá. Uma delas é Tetéu.

Tetéu não podia faltar na final do Municipal. Lá estava ele andando pela arquibancada do Estádio Passo d'Areia com sua cesta, seu ganha-pão, carregada de quitutes, principalmente amendoins. Cumprimenta um aqui, outro ali, brinca com alguém mais adiante, senta, bate um papo.

Pelos amendoins, estimulantes naturais, Tetéu é também conhecido como Viagrinha. Mas é graças à experiência de várzea e por sua simpatia permanente que o consideram como uma das maiores figuras da várzea de Porto Alegre. "Muitos anos de várzea", conta ele.

O chapéu de couro típico do cangaço aliado a uma camisa bem simples também contribui para chamar a atenção para sua figura.

– Tu é nordestino?

– Não, não, sou aqui da Bonja (bairro Bom Jesus).

– E esse chapéu aí?

– Eu também tenho um igual o do Luiz Gonzaga, grandão com umas estrelinhas.

– Como te encontrar, Tetéu?

– Eu tô em todas!

Tetéu não podia mesmo faltar na final do Municipal.

A torcida, que permanece sentada a poucos minutos de começar a finalíssima, vai aumentando. Talvez a partida final receba o melhor público do campeonato, mais de duas mil pessoas. Do lado esquerdo das cabines de rádio, estão os torcedores do Treze, uma torcida "família". Do outro lado das arquibancadas, muitos moradores das comunidades da Vila Jardim e da vila Bom Jesus vão se acomodando para torcer pelo Ouro Verde.

No campo, o Ajax, da Lomba do Pinheiro, recebe a premiação, medalhas, por ter vencido o Flamengo do Morro agora há pouco e conquistado o terceiro lugar. Enquanto isso, nos vestiários, os dois finalistas vão se aquecendo para entrar em campo.

A comissão técnica do Ouro

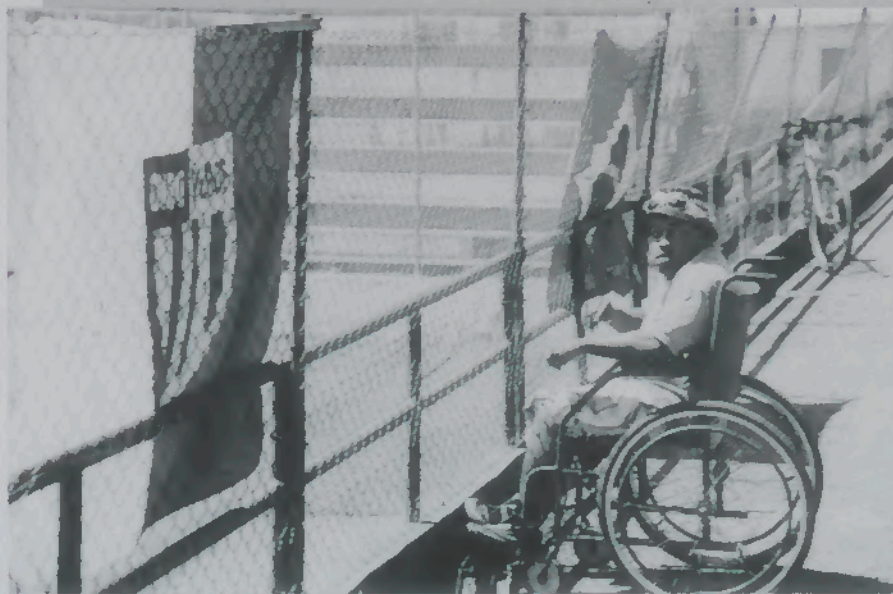
Várzea para todas as idades



Caetano Marenzi

- No torneio mirim, Rodrigo, goleiro do Intersul, nunca estava sozinho defendendo a sua meta. O seu pai era como um auxiliar: a cada lance, enquanto Rodrigo voava atrás da bola, ele comandava as ações. "Põe dois nessa barreira! A pequena área é tua!" A combinação filho-pai, o primeiro à frente da goleira com mãos e luvas e o segundo atrás das cercas defendendo o gol com a voz do grito, deu certo. O Intersul terminou o ano como campeão e Rodrigo como o goleiro menos vazado da competição.

Torcedor



Felipe Franke

- Debaixo do sol, há um homem numa cadeira de rodas. Olha fixamente o jogo, posicionado atrás de uma bandeira do Ouro Verde. Quase nada fala. Nas suas costas está escrito "TÉCNICO". Então alguém pergunta a ele se é mesmo técnico. O cadeirante, mesmo sem falar, define-se perfeitamente: leva a mão direita ao peito, agarra o escudo do Ouro Verde de sua camisa, inclina a cabeça para trás, fecha os olhos e fica girando em si mesmo, deslumbrado com seu time que se encaminha para o título.

Ajax, terceiro lugar

ENTREVISTA *Wanderley Cardoso, técnico*

REPORTAGEM DE RÉGIS FILHO

Foi fundado em outubro de 2002. Inspirado no antigo Palmeirinhas, time onde seu pai jogou, Wanderley e seus amigos Jornani, Marquinhos e Lú decidiram fundar um time para tirar a hegemonia que a equipe do Paraná detinha nos campos da Lomba do Pinheiro. Em três anos de existência, o clube chegou a três finais da liga da região e levantou o caneco em duas oportunidades.

No Municipal de 2005, fizeram um belo campeonato, venceram o Flamengo do Morro da Cruz por 5 a 3 e conquistaram a terceira colocação. O clube recebeu também um novo fardamento – o que vale ouro no universo do futebol da várzea. Eles perderam a chance de disputar a final em um jogo épico contra o campeão Ouro Verde. Wanderley reclama que o árbitro Pelé prejudicou a partida: expulsou dois de seus melhores jogadores. Para muitos, aquela foi a final antecipada do campeonato.

Há jogadores que ainda tentam fazer história no futebol profissional. Leandrinho já jogou no Santa Cruz e no Aimoré, ambos do interior do Estado. O lateral Luis Fernando esteve no Grêmio (de onde saiu por causa de desentendimentos com o técnico Tite) e no Japão, sendo recentemente contratado pelo Santa Cruz. O volante Evandro, de 20 anos, fez estágios no Japão, onde interessou ao Galatasaray e jogou ainda durante alguns meses na Itália e no Boca Juniors, da Argentina.

Mesmo com muitos talentos, Wanderley confessa que há muitas dificuldades, principalmente em relação ao dinheiro. Todos jogam no Ajax pelo amor à camiseta. Eles não têm recursos, não encontram patrocinadores, não pagam os jogadores, às vezes não conseguem nem ônibus para se locomover ao local das partidas, mas sentem-se recompensados quando os meninos da Lomba do Pinheiro manifestam o desejo de um dia também jogar pelo Ajax.

Régis Filho



A figura: Tetéu

quer ficar a sós com seus jogadores no último momento antes da partida. Já o técnico do Treze, Sandro Rodrigues, está agora com a palavra, enquanto todos os seus jogadores, em círculo, ouvem atentos. Ele não fala sobre futebol, sobre como os jogadores deverão se posicionar em campo daqui a alguns minutos. Ele lembra, sim, da dificuldade que foi para todos eles chegarem lá, o empenho, a superação de imensas dificuldades. “Hoje é a batalha final. Vocês tem que dar 200%. Lembrem como é difícil, como a várzea é cara”. Pára e pede uma salva de palmas para a sua mãe, que é quem lava e cuida dos uniformes. Depois de uma pausa, um grande grito de todos os jogadores. Eles se abraçam e aquele vestiário apertado fica com uma atmosfera densa de emoção e vibração. De novo, juntam-se em roda, agora quem fala é um jogador. Ele dá algumas palavras de incentivo e não contém o choro, é abraçado pelos companheiros. Eles se abraçam no círculo agora e fazem a sua oração. O capitão do time está com olhos marejados e apóia a cabeça em seu próprio ombro. Todos já estão vestidos, espiam e constataam que a premiação do jogo anterior acabou: é hora de entrar em campo.

Sob foguetes, eles entram agarrados à bandeira da equipe, também confeccionada pela mãe do técnico. O Ouro Verde, o favorito, também já está em campo e é saudado por sua imensa torcida.

Como em um grande jogo profissional, ambas as equipes se posicionam para a foto de campeão. Fotógrafos cercam os jogadores, enquanto o narrador do evento, também como num jogo profissional, lê as duas escalções.

Ouro Verde

Rogério (1); Luis (2), Lula (3), Dídio (4) e Buda (6); José (5), Xandão (8), J. Alves (7) e F.

Gomides (10); Francisco (9) e Jessy (11).

Treze

Vinícius (1); Filé (2), Carioca (3), Jean (4) e Jonis (6); Lula (5), Fino (7), Taylor (8) e Moisés (10); Thiago (9) e Fábio (11).

É fácil perceber a superioridade do time da Zona Norte. Em menos de 15 minutos, duas bolas no travessão do goleiro Vinícius – uma depois de um chute longo e a outra depois de uma bela cabeçada do centroavante Xico. A equipe do Treze parece assustada e não consegue criar jogadas como de costume, principalmente aquelas originadas dos pés de Taylor. Da torcida do Treze, vem a justificativa para o mau desempenho: “eles não estão acostumados a campos tão grandes”.

Já o Ouro Verde parece estar de bem com o campo e impõe um ritmo forte à partida. A equipe da Zona Sul não resiste muito tempo e sofre um gol ainda na primeira etapa pelos pés de Xandão, depois de mais uma jogada bem trabalhada.

A bronca do técnico Sandro Rodrigues, do Treze, surte efeito em seus jogadores, que voltam melhor para a segunda etapa e equilibram o confronto. À beira do campo, os troféus para a equipe campeã, para o goleador e para o goleiro menos vazado já estão sobre a mesa. O troféu de goleador já tem dono, é do atacante Xico do Ouro Verde. Em campo, ele mostra por que é artilheiro. Recebe a bola na intermediária, arranca marcado por três jogadores e dispara da entrada da área, no cantinho, marcando seu 26º gol na competição.

A torcida já canta vitória, sabe que, do jeito que as coisas vão, nada tira o título da Vila Jardim. Tudo poderia mudar se a cabeçada de Jean, zagueiro do Treze, não fosse cortada em cima da linha pelo defensor do Ouro Verde aos 35 minutos da segunda etapa. Com a chance desperdiçada, o banco de reservas vai à loucura: o técnico atira o boné no chão, e seu irmão, auxiliar e massagista do time, desaba. O terceiro gol do Ouro Verde acontece a pouco menos de dois minutos do fim. Jefferson, que recém entrara em campo, arranca e define: o título da várzea de Porto Alegre vai mesmo para o Ouro Verde, vai mesmo para a Vila Jardim.

E foi. Em dois ônibus, torcida e jogadores voltam vibrando com a conquista do ano. Na sede do clube já é festa: o almoço do título é preparado, a bandeira é



Felipe Franke

O último gol do artilheiro: Francisco corre para o abraço e homenageia seu cunhado

hasteada na janela da casa, crianças tomam banho numa apertada piscina azul, e algumas outras disputam uma pelada pelas pequenas ruas da vila. Sonham em um dia tornarem-se jogadores profissionais, ou por que não, grandes jogadores da várzea, que não recebem tanto dinheiro, que às vezes até têm que pagar para jogar, mas que no retorno para casa são recebidos com festa e orgulho de campeões.

Mas faltava a foto do título. Mais de quinze troféus são redescobertos na antiga sede que, desativada, foi tomada pela grama alta. A foto tem que sair perfeita. As mulheres limpam os troféus, as crianças reservam lugar próximo a eles, os jogadores posicionam-se atrás da bandeira agora exposta na grade.

Pronto, já pode sair no jornal: Ouro Verde, campeão da várzea de Porto Alegre!

CAMPEONATO MUNICIPAL DE FUTEBOL AMADOR DE PORTO ALEGRE 2005

Primeira Fase

Chave 1

Mensageiro
Academia do Morro
São Guilherme
A.J. Renner
Réus
Chelsea
Valência
C.B.V

Chave 3

Roma
SER Atlético (Amizade)
São Paulo
Cruzeiro
Ouro Verde (Cecove)
C.F.A
Brasil
Vitória C. Silva

Chave 5

Cristiana
Farinhadas
Primavera B
Flamengo do Morro
U. da Esperança
Mariano de Mattos
Família (J. Coqueiros)
Independente

Chave 7

Associação MCSC
Pirâmide
Milan
Clarão da Lua
Planeta Mundial
Sol e América
Racing A

Chave 9

Porto
Monte Castelo
Restinga
Ajax (Cruzeiro)
Treze
Brasília
Corinthians Gaúcho

Chave 2

São Vicente A
Barão Moto Peças
Pedreira
Camarões
Farroupilha
Flamenguinho
Platense
Ouro Verde (V. Jardim)

Chave 4

São Vicente B
São Borja A
Azulão
Guarani
Banguzinho
União
Juventus B
12 Horas

Chave 6

Bazar Mimo
Os Silvas
Santo Agostinho
Família (C. da Tuca)
Vitória B
Arsenal
Panelinha

Chave 8

Raça
Agrosantos
Evolução
Pombal
Ajax (Lomba)
Míxto A
Ascensão

Chave 10

São Caetano
Figueira
Família (J. Comércio)
Paraná
Atlético (Tamandaré)
Newell's Old Boys
Atlético (J. Comércio)

Segunda Fase

Quatros grupo de cinco, classificam-se os dois melhores

Grupo 11

Treze
Flamengo do Morro
Ouro Verde (Cecove)
Réus
Farinhadas

Grupo 13

Clarão da Lua
Míxto A
Flamenguinho
Restinga
12 horas

Grupo 12

Arsenal
Atlético (JC)
Academia do Morro
Racing A
Cruzeiro

Grupo 14

São Borja A
Ouro Verde (V. Jardim)
Ajax (Lomba)
Família
Atlético (Tamandaré)

Quartas-de-final

Ouro Verde (VJ) x Clarão da Lua
Ajax (Lomba) x 12 Horas
Treze X Atlético (JC)
Flamengo do Morro X Arsenal

Semifinais

Ouro Verde (VJ) x Ajax (Lomba)
Treze X Flamengo do Morro

FINAL

Ouro Verde X Treze



Felipe Franke

